



Flor do Carmelo

Boletim informativo da Ordem Secular dos Carmelitas Descalços

N.º 14 - 2004

Maria, irmã dos Carmelitas

Maria não é património exclusivo de ninguém, nem de nenhum grupo nem de nenhuma pessoa. Maria é de todos e para todos. Mas isto não quer dizer que não haja grupos e pessoas que mantenham com ela uma relação muito particular. Isto acontece com o

conosco na estirpe de Adão. Segundo Santo Epifânio, embora antes o tivesse dito Santo Atanásio, “Maria é nossa irmã pelo facto de todos termos uma origem comum em Adão”. S. Cirilo de Alexandria insistirá de tal maneira neste conceito que é capaz de



Carmelo. Falar do Carmelo é falar de Maria. Falar do Carmelo é falar de uma Ordem religiosa a Maria dedicada.

As circunstâncias que acompanharam as origens desta Ordem favoreceram uma forma específica de aproximação a Maria. No Carmelo, Maria é a Senhora, a Mãe, a Irmã e a Carmelita por excelência.

Maria, “nossa irmã”, é uma designação que remonta a uma tradição muito antiga que faz referência directa à comunhão que Maria tem

dizer: “Cristo é nosso sobrinho, porque nasceu da nossa irmã, a Senhora toda pura”.

Embora sejam muitos os institutos religiosos que têm inspiração mariana, parece que foram os Carmelitas que sublinharam mais esta designação de Maria “nossa irmã”, uma vez que são reconhecidos pela Igreja como “Irmãos da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo”. A princípio do séc. XIV, começaram a construir uma espiritualidade mariana a partir do nome de *irmãos*. Uma vez que são seus

irmãos, relacionam-se com Maria como *irmã* e vêem nela realizado o seu ideal de Carmelitas.

No Carmelo, Maria é considerada *irmã* por um especial desígnio de Deus que quis que na sua Igreja houvesse um grupo de religiosos que fossem seus "irmãos". Porque este grupo é uma fraternidade dedicada ao culto a Maria, a Ordem é a *casa* de Maria, na qual ela se manifesta como *irmã*. Porque Maria é *irmã* é exemplo para o Carmelita. Como "escrava do Senhor" ajuda a "viver em obséquo de Jesus Cristo" com profunda vida teologal, caracterizada pela escuta da palavra de Deus, numa ininterrupta tarefa contemplativa, na qual se manifesta a atitude orante da *irmã* continuamente atenta à palavra, que guarda no seu coração.

Esta designação de Maria, nossa *irmã*, recorda-nos que também ela teve necessidade da redenção a par de todos os homens. Ela também foi "remida de modo iminente em previsão dos méritos do seu Filho". Esta designação toca a substância do dogma cristológico-mariano sobre a necessidade universal de salvação por obra do único redentor, que, novo Adão, infunde a graça em todos os homens. Também Maria é remida por Cristo e está na linha do chamamento universal à santificação em Cristo.

Maria está muito junto de nós como discípula e serva entregue ao cumprimento da Palavra, bem-aventurada, porque acredita como todos os discípulos.

O Concílio Vaticano II, ao recordar que "Maria está unida à estirpe de Adão com todos os homens que necessitam de salvação" (LG 53), une a sua condição humana com a fé que a converte em nova Eva (LG 56), sublinhando que, como nós, ela "avançou na peregrinação da fé" (LG 58).

É a fé que a coloca no caminho comum de todos aqueles que procuram a Deus, mesmo na "noite escura". Maria também passou as suas "noites

escuras", esperou contra toda a esperança, doada totalmente ao amor. Como criatura, soube acolher a Palavra, meditá-la no seu coração e realizá-la aderindo com plenitude de esperança à vontade salvífica de Deus.

O Concílio, ao apresentá-la como colaboradora do mistério de Cristo e da Igreja e como tipo e imagem da mesma Igreja, quis propor a sua vida teologal em enunciados onde pode faltar esta ou aquela virtude, mas que sempre acentuam a sua fé.

Esta é a virtude da "pobre do Senhor" e a virtude de todos os cristãos. A exemplaridade de Maria, precisamente, nesta virtude, converte-a em nossa *irmã*. Junto a ela "que avança na peregrinação da fé", nós, os Carmelitas, sentimos que temos uma *irmã* em quem nos devemos inspirar. Maria é nossa *irmã* no caminho da fé que impulsa à caridade e vive do dinamismo das obras da mesma, sem as quais estaria morta. A caridade torna-se disponibilidade para o acolhimento e para o serviço de Cristo e da sua obra.

"Embora na riqueza das admiráveis prerrogativas com que Deus a adornou para a fazer digna Mãe do Verbo Encarnado, está Ela, todavia pertíssimo de nós. Filha de Adão como nós, e por isso nossa irmã por laços de natureza".

Paulo VI

Maria é nossa *irmã* porque, no itinerário da fé, seguimos a Cristo como ela, aderindo à vontade do Pai. E seremos seus irmãos se, na Igreja e com a Igreja, vivermos a fé como adesão de amor ao projecto do Pai, deixando-nos guiar em tudo pelo Espírito Santo.

Nós, os Carmelitas, vemos estes dois conceitos muito intimamente unidos: Maria, mãe e *irmã*. Como mãe, Maria vai-nos formando na virtude para que sejamos verdadeiros filhos de Deus, totalmente entregues à sua vontade e à sua Palavra, movidos exclusivamente pelo Espírito Santo, unidos a Jesus em todo o mistério da salvação. Como nossa *irmã*, Maria, humilde criatura de fé e de amor, caminha com cada um de nós para nos educar na vivência do Evangelho.

P. JEREMIAS CARLOS VECHINA

Também eu levo no meu coração, desde há muito tempo, o Escapulário do Carmo! Pelo amor que nutro pela Mãe celeste de todos nós, cuja protecção experimento continuamente, desejo que este ano mariano ajude todos os religiosos e religiosas do Carmelo e piedosos fiéis que a veneram filialmente, a crescer no seu amor e a irradiar no mundo a presença desta Mulher do silêncio e da oração, invocada como Mãe da misericórdia, Mãe da esperança e da graça.

Com estes votos, concedo de bom grado a Bênção apostólica a todos os frades, monjas, irmãos, leigos e leigas da Família carmelita, que tanto se empenham para difundir entre o povo de Deus a verdadeira devoção a Maria, Estrela do mar e Flor do Carmelo!

João Paulo II

Maria e os Carmelitas Descalços

A Virgem Maria na nossa vida

Associados, pela graça de Deus, aos “Irmãos da Bem-aventurada Virgem Maria”, estamos entroncados com uma família que se consagra ao seu amor e culto e que caminha para a plenitude da caridade sob a influência vital de uma comunhão íntima com a Mãe de Deus. Esta comunhão penetra a vida comum e marca com um selo mariano peculiar o espírito de oração e contemplação, o apostolado em todas as suas vertentes e a mesma abnegação evangélica.

Santa Maria preenche com a sua presença a vida da Ordem que tem as suas origens no Monte Carmelo, recebe o seu nome da capela ali dedicada a Nossa Senhora e ostenta como timbre de glória o viver, com a aprovação da Igreja, em obséquio de Cristo e de sua Mãe. O Carmelo Teresiano tem experimentado profundamente e corroborado esta inspiração mariana original, seguindo os passos dos seus santos Padres que propuseram a Mãe e Senhora da Ordem como modelo de oração, abnegação para o caminho da fé, e como mulher doada de alma e corpo à escuta e contemplação das palavras do Senhor, sempre dócil aos impulsos do Espírito Santo e associada ao mistério pascal de Cristo pelo amor, a dor e o gozo.

Estes rasgos, ao mesmo tempo que nos mostram a figura evangélica da Virgem, oferecem-nos em Maria o modelo acabado do espírito da Ordem e estimulam-nos a seguir os seus passos, para que “pobres de Javé” de coração, configuremos a nossa vida com a de Nossa Senhora na meditação contínua da Palavra divina desde a fé e na múltipla doação do amor e nos adentremos pela mão desta Mãe no mistério de Cristo e da Igreja.

Desta maneira, encarnamos na vida a nossa profissão que nos vincula também à Santíssima Virgem e nos coloca sob a sua especial protecção. Tudo isto o manifestamos também com a devoção do Escapulário. Graças a este hábito reconhecemos a nossa pertença a Maria e, revestidos das suas virtudes, reproduzimos a sua imagem no mundo.

A pertença a Maria, vivifica ao mesmo tempo a nossa espiritualidade e informa o nosso apostolado. Por isso, ao estudar as Escrituras, comprometemo-nos em conhecer cada dia melhor Nossa Senhora, para que, a impulsos do amor filial e no cumprimento do nosso dever, comuniquemos aos irmãos a autêntica piedade

mariana, apresentando Maria como modelo e mestra da comunhão com Cristo e com a Igreja.

Guiados pelo olhar da fé, celebramos e promovemos com todas as forças o culto litúrgico



Imagem de Nossa Senhora do Carmo
venerada na Basílica do Monte Carmelo – Haifa

da Mãe de Deus, à luz do mistério pascal. Este mesmo culto incita-nos a frequentar, com sentimentos de fé e amor, os exercícios de devoção em honra da Mãe do Senhor.

A nossa família professa um mesmo afecto teológico àqueles que Deus, num mesmo desígnio de amor, quis associar privilegiadamente ao mistério da Encarnação do seu Filho. Efectivamente, alimentados com o espírito de Santa Teresa, amamos inseparavelmente a Virgem Maria e o seu esposo São José e o veneramos como humilde servidor de Cristo e de sua Mãe, exemplo vivo de comunhão orante com Jesus e providencial protector da nossa Ordem.

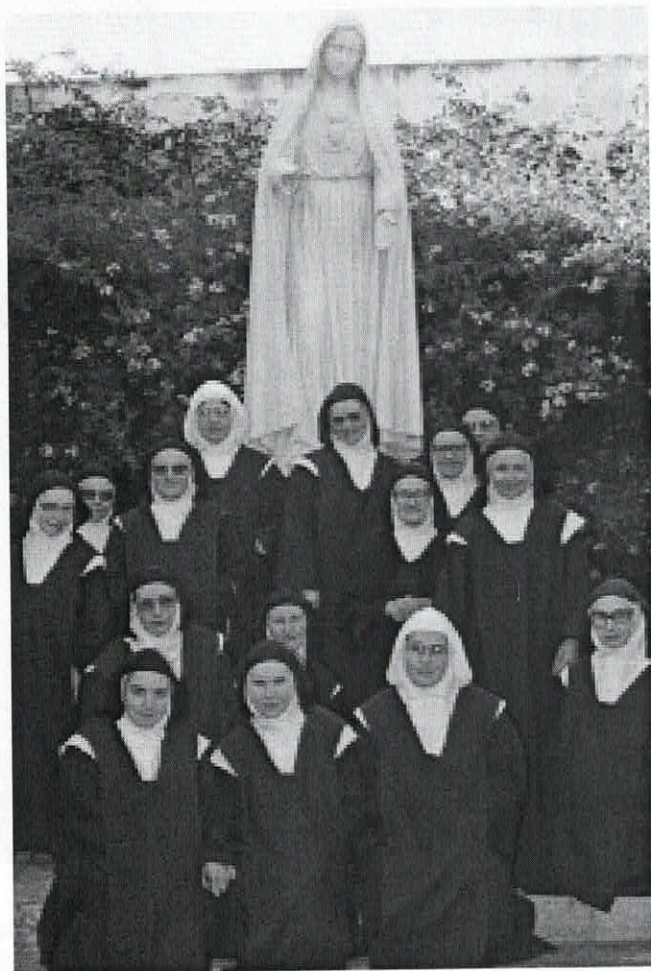
Constituições dos Carmelitas Descalços

Maria

entre as suas filhas e irmãs

As Carmelitas Descalças, chamadas a fazer parte da Ordem da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, pertencem a uma família consagrada especialmente ao seu amor e culto, e tendem à perfeição evangélica em comunhão com a santa Mãe de Deus.

A presença de Maria entre as suas filhas e irmãs impregna totalmente a vocação carmelitana, e confere uma marca mariana particular à contemplação e à comunhão fraterna, à abnegação evangélica e ao espírito apostólico.



A Virgem Maria enche com a sua presença a história da Ordem nascida no Monte Carmelo; ali, os seus primeiros eremitas dedicaram-lhe uma pequena capela; e logo, com a aprovação da Igreja, comprometeram-se a viver os conselhos evangélicos, em obséquio de Jesus Cristo e de sua Virgem Mãe.

Santa Teresa de Jesus e são João da Cruz reafirmaram e renovaram a piedade mariana do Carmelo. Com efeito, eles propuseram Maria como Mãe e Padroeira da Ordem, modelo de oração e de abnegação na peregrinação da fé, humilde e sábia no

acolhimento e contemplação da palavra do Senhor, totalmente dócil às moções do Espírito Santo, mulher forte e fiel no seguimento de Cristo, associada à dor e à alegria de seu mistério pascal.

Contemplação e devoção filial para com a Virgem Maria

A contemplação da Virgem Maria, realização perfeita do ideal do Carmelo, torna-se luz para seguir os seus passos. Com efeito, ela sobressai entre os humildes e os pobres do Senhor, e é exemplo eminente da vida contemplativa na Igreja.

Cada irmã acolha Maria como Mãe e Mestra espiritual, para ser configurada a Cristo e chegar, assim, aos vértices da santidade.

Por meio da profissão, as irmãs unem-se à Virgem Maria de um modo particular; e, trazendo o Escapulário, manifestam a pertença à sua Ordem e o compromisso de se revestirem das suas virtudes.

Estudo da mariologia e culto litúrgico

Para responder ao desígnio de Deus, que uniu intimamente Maria ao mistério de Cristo e da Igreja, as irmãs procurarão aprofundar na sua vida e na sua missão, à luz da Sagrada Escritura, da Patrologia, da liturgia e do magistério da Igreja.

Honrarão a Mãe de Deus com o culto devido, no esplendor do mistério pascal de Cristo, seguindo as orientações da Igreja. Esta, com efeito, venera a Virgem Maria na liturgia, indissolavelmente unida à obra salvífica de seu Filho; e a contempla como modelo da atitude espiritual com que se devem celebrar e viver os mistérios divinos.

Na organização da vida litúrgica, as comunidades darão particular realce ao carácter mariano da Ordem:

- a) A Solenidade da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo será celebrada como a principal entre as festas próprias da Ordem.
- b) Serão celebradas também com realce especial as outras solenidades, festas e memórias de Maria.
- c) Em consonância com as normas litúrgicas, celebrar-se-á aos sábados do ano a memória da Virgem Maria na Eucaristia e na Liturgia das Horas.
- d) Aos sábados, nas solenidades e festas da Virgem Maria ou nas suas vigílias, cantar-se-á solenemente a Salve Regina, segundo a tradição da Ordem.

Práticas piedosas em honra da Virgem Maria, de São José e dos santos do Carmelo

A fim de exprimir a piedade mariana e encomendar à Virgem Maria as necessidades da Igreja e da família humana, cada mosteiro estabelecerá as práticas piedosas Marianas que fará em comum, tais como o *Angelus* e as *Ladainhas*, segundo as tradições próprias.

Cada religiosa honrará pessoalmente a Mãe do Senhor com autêntico culto filial, especialmente com a reza do terço.

Seguindo o exemplo e a doutrina da santa Madre, o Carmelo teresiano venera com especial afecto a São

José, esposo da Virgem Maria e mestre de oração. As irmãs recomendar-se-ão à sua intercessão, invocando-o como protector providente da Igreja e da Ordem.

Para recordar os santos da família da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, que já gozam da glória celeste, especialmente os santos Padres Teresa de Jesus e João da Cruz, cada mosteiro determinará o modo de os honrar, como modelos de vida e protectores, com o culto litúrgico e as práticas piedosas de costume.

*Constituições
das Carmelitas Descalças*

Maria e os Carmelitas Seculares

Com Maria, Mãe de Jesus

No dinamismo interior do seguimento de Jesus, o Carmelo sempre contemplou Maria como Mãe e Irmã, como “modelo perfeito do discípulo do Senhor” e, portanto, modelo da vida dos membros da Ordem. A Virgem do *Magnificat* anuncia a ruptura com um mundo velho e anuncia o começo de uma história nova em que Deus derruba do trono os poderosos e exalta os pobres. Maria põe-se do lado destes e proclama o modo de Deus actuar na história. Maria é para o Secular um modelo de entrega total ao Reino de Deus. Ela ensina-nos a escutar a Palavra de Deus na Escritura e na vida, a acreditar nela em todas as circunstâncias para viver as suas exigências. E isto, sem entender muitas coisas; guardando tudo no coração (Lc 2, 19.50-51) até que chegue a luz, numa oração contemplativa.

Maria é também ideal e inspiração para o Secular. Ela vive perto das necessidades dos irmãos, preocupando-se com elas (Lc 1,39-45; Jo 2, 1-12; Act 1,14). Ela, “a imagem mais perfeita da liberdade e da libertação da humanidade e do cosmos”, ajuda a compreender o sentido da missão. Ela, Mãe e Irmã, que nos precede na peregrinação da fé e no seguimento do Senhor Jesus, acompanha-nos, para que a imitemos na sua vida escondida em Cristo e comprometida no serviço aos outros.

A presença de Maria, ao mesmo tempo que vivifica a espiritualidade do Carmelo Teresiano, informa o seu apostolado. Por isso, o Secular empenhar-se-á em conhecer cada dia mais a pessoa de Maria, através da leitura do Evangelho, para comunicar aos demais a autêntica piedade mariana que leva à imitação das suas virtudes. Guiados pelo olhar de fé, os membros

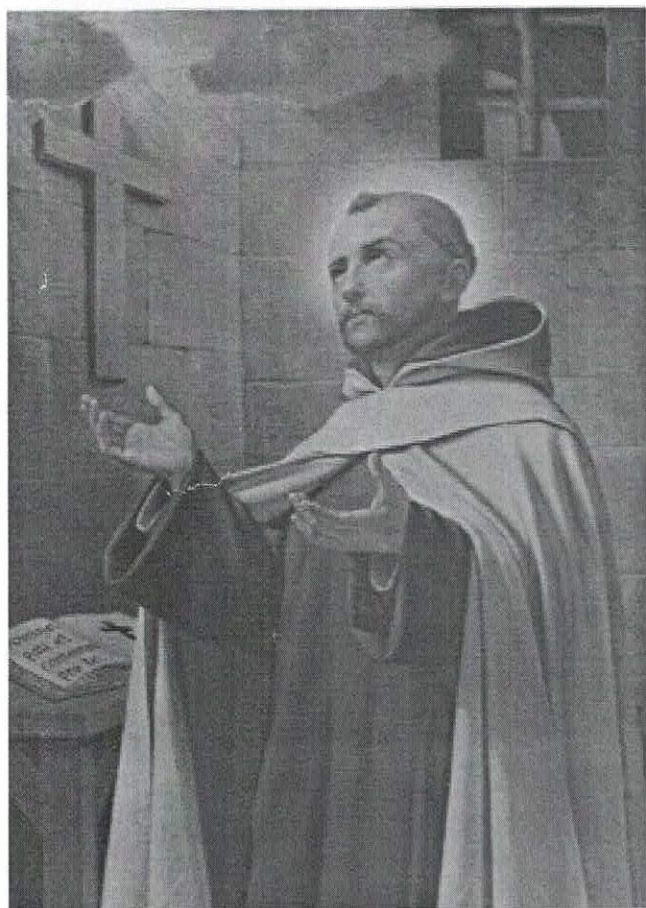


da Ordem Secular celebrarão e promoverão o culto litúrgico da Mãe de Deus à luz do mistério de Cristo e da Igreja e praticarão, com sentimentos de fé e de amor, os exercícios devocionais em sua honra.

Constituições da Ordem Secular

São João da Cruz e Maria do Carmelo

São João da Cruz era um enamorado de Nossa Senhora, porque por ela protegido. Prestes a morrer afogado, por ter caído a um poço, vê uma linda Senhora que lhe estende a mão. Este acontecimento marca toda a sua vida. Esta devoção a Nossa Senhora está muito presente no seu magistério oral, não assim nos seus escritos. Ele por princípio, não escreve sobre temas que muito se escreveu. Esta é a razão de Maria se encontrar ausente nas suas obras escritas. Mas podemos dizer que Maria é aquela que vive perfeitamente a sua espiritualidade. João da Cruz não pretende outra coisa que a união com Deus; a união rápida e o mais a que se



pode chegar nesta vida. Quando a pessoa humana chegar a ter o hábito da união, todas as suas operações são divinas. É Ele que as move e ordena divinamente, “segundo o seu divino Espírito e vontade”. Uma vez que “o que se une com Deus torna-se um só espírito com Ele” (1 Cor 6, 17), “então, as operações da alma unida a Deus são do Espírito Divino, e são divinas”. Passemos a palavra ao nosso santo:

“Segue-se daí que as obras de tais almas são só convenientes e razoáveis. Não são inconvenientes. Porque o Espírito de Deus faz-lhes saber o que devem saber, ignorar o que importa ignorar, lembrar-se do que se devem lembrar com formas ou sem formas, esquecer

o que é de esquecer, e move-as a amar o que hão-de amar e a não amar o que não é Deus. Todos os primeiros movimentos das potências de tais almas são divinos. E não é de admirar que os movimentos e operações destas potências também o sejam, pois estão transformadas em ser divino.

Destas operações darei alguns exemplos. Eis o primeiro: Uma pessoa pede a outra que está neste estado para a encomendar a Deus. Esta pessoa não se lembrará de o fazer por causa de alguma forma ou notícia dessa pessoa que lhe tenha ficado na memória. Se for conveniente encomendá-la a Deus, e se Deus quer receber a oração por essa pessoa, Ele mover-lhe-á a vontade para que o faça. Mas se Deus não quer aquela oração, ainda que se esforce em rezar por ela, não conseguirá nem terá vontade de o fazer; outras vezes, Deus lha dará para que reze por outros que nunca conheceu nem ouviu.

Isto sucede assim, porque Deus move as potências destas almas só para aquelas acções que convêm à vontade e determinação de Deus, e não para outras; por isso, as acções e orações destas almas têm sempre efeito.

Outro exemplo. Em tal dia há-de ocupar-se de certa tarefa necessária. Não se lembrará por nenhuma forma, mas, sem saber como, ser-lhe-á marcado na alma quando e como convirá realizá-la sem falta.

E não é só nestas coisas que o Espírito Santo a ilumina, mas em muitas outras que acontecem e acontecerão, e em muitos casos, embora estejam ausentes”.

Quem vai apresentar S. João da Cruz como modelo desta espiritualidade e desta união com Deus? Ele poderia citar vários. Sabemos que os tem na sua Ordem, mas, modelo acabado e perfeito, apresenta um: Nossa Senhora.

“Eram assim as da gloriosíssima Virgem Nossa Senhora, a qual, estando desde o princípio elevada neste alto estado, nunca teve gravada na sua alma forma de alguma criatura, nem se moveu por ela, mas foi sempre movida pelo Espírito Santo”.

3 Subida do Monte Carmelo, 2,9-12.

“Era tão devoto [João da Cruz] de Nossa Senhora, que todos os dias rezava o Ofício de Nossa Senhora de joelhos... e, quando ia de viagem, todas as suas reflexões e conversas eram tratar do Santíssimo Sacramento e da Virgem Santíssima, e cantar hinos a Nossa Senhora”.

Fr. Martinho da Assunção

Santa Teresa de Jesus

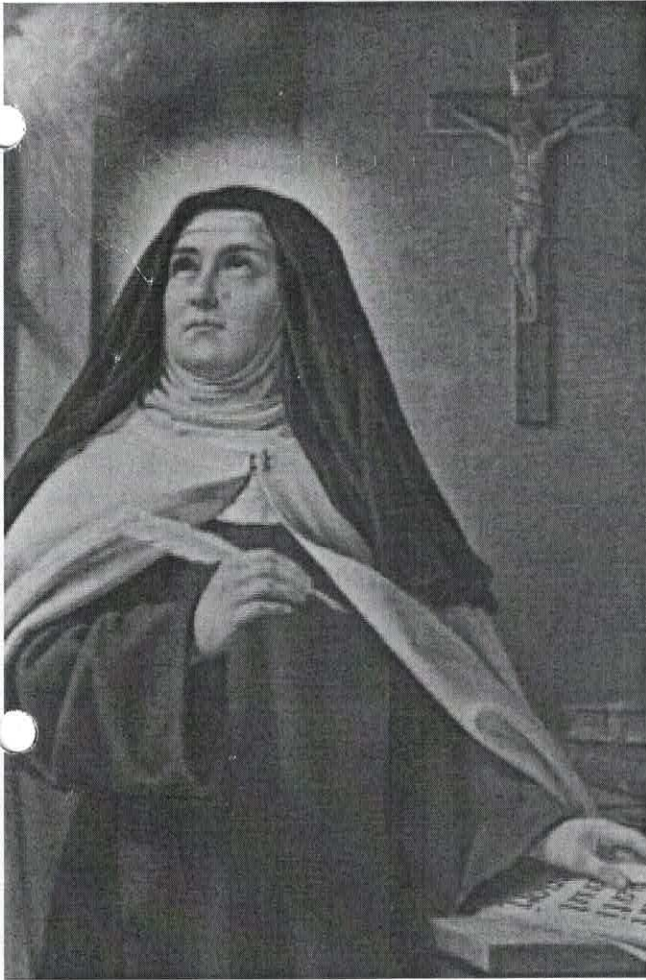
“Assim que, minhas filhas, todas o são da Virgem e irmãs, procurem amar-se muito umas às outras”.

Ct. 328

“Estando eu, antes de entrar no Mosteiro, a fazer oração na Igreja e quase em arroubamento, vi Cristo; pareceu-me que me recebia com grande amor e me punha uma coroa, agradecendo-me o que fizera por Sua Mãe.

Outra vez, estando todas no coro em oração depois de Completas, vi Nossa Senhora, com grandíssima glória, revestida dum manto branco e, debaixo dele, parecia amparar-nos a todas. Entendi quão alto grau de glória daria o Senhor às desta casa”.

Vida, 36, 24



“Bem sabe Sua Majestade que só posso presumir da sua misericórdia; e, já que não posso deixar de ser a que tenho sido, não tenho outro remédio, senão acolher-me a ela e confiar nos méritos de seu Filho e da Virgem, sua Mãe, cujo hábito indignamente trago, e vós trazeis também. Louvai-O, minhas filhas, pois verdadeiramente o sois desta Senhora; e assim não tendes de vos afrontar que eu seja ruim, pois tendes tão boa Mãe. Imitai-a e considerai qual deve ser a grandeza desta Senhora, e o bem de a ter por Padroeira, pois não bastaram meus pecados e ser a que sou, para em nada deslustrar esta sagrada Ordem”.

3Moradas 1, 3

Teresa do Menino Jesus

“Não posso duvidar de que a graça insigne da minha vocação religiosa não tenha germinado nesse feliz dia em que rodeada pelas minhas boas Mestras fiz a Maria a consagração de mim mesma aos pés do seu altar, escolhendo-a especialmente para minha Mãe, depois de naquela mesma manhã, ter recebido Jesus pela primeira vez ... Quis ela tornar-me ainda mais perfeitamente sua filha concedendo-me a grande graça de me trazer ao Carmelo”

Carta dirigida à Madre S. Plácido

“Quanto me teria gostado ser sacerdote para pregar sobre a Virgem Maria! Penso que seria suficiente fazê-lo uma só vez para dar a entender o que penso dela. Antes de mais nada, faria ver quão pouco se conhece a vida da Santíssima Virgem. Não devemos dizer dela coisas inverosímeis ou que não se sabem”.

Últimos conselhos e recordações

“Um sermão sobre a Santíssima Virgem, se há-de ser proveitoso, é preciso que exponha a sua vida real, tal como o Evangelho deixa entrever, e não a sua vida imaginada. Adivinha-se perfeitamente que a sua vida real, em Nazaré, e mais tarde, teve de ser completamente ordinária... *Era-lhes submisso* (Lc 2,51). Que simples!

Apresenta-se a Virgem inacessível. Haveria que apresentá-la imitável, praticando as virtudes ocultas. Haveria que dizer que vivia de fé, como nós, e dar as provas que se lêem no Evangelho, onde se diz: *Não compreenderam o que lhes dizia*. E esta outra passagem: *Seu pai e sua mãe estavam admirados das coisas que se diziam d'Ele* (Lc 2,33)”.

Últimos conselhos e recordações

“Que os sacerdotes nos apresentem virtudes praticáveis! Está certo falar das suas prerrogativas, mas importa, sobretudo, que a possamos imitar. Ela prefere a imitação à admiração, e a sua vida foi tão simples! Por muito belo que seja um sermão sobre a Santíssima Virgem, se nos sentimos obrigados todo o tempo a dizer: Ah!...Ah!.. ficamos fartos”.

Últimos conselhos e recordações

“Sabe-se certamente que a Virgem Santíssima é a Rainha dos céus e da terra, mas tem mais de Mãe que de Rainha: não devemos fazer crer – como eu ouvi dizer frequentemente – que com as suas prerrogativas eclipsa a glória de todos os santos, como o sol, ao amanhecer, deslumbra as estrelas. Meu Deus! Que coisa mais estranha! Uma mãe que diminui a glória dos seus filhos! Eu penso tudo o contrário: creio que intensifica a glória dos seus eleitos”.

Últimos conselhos e recordações

“Oh! quisera cantar, Maria, porque te amo. Porque é que o teu doce nome me comove o coração, e porque é que o pensamento da tua grandeza suprema não é capaz de inspirar-me medo.

Se te contemplasse na tua sublime glória, muito mais brilhante do que todos os bem-aventurados, não podia acreditar que sou tua filha. Ó Maria, diante de ti, eu baixava os olhos! ... Meditando a tua vida escrita no Evangelho atrevo-me a olhar para ti. Não me custa acreditar que sou tua filha, pois vejo que morres e sofres, como eu”.

Porque te amo, ó Maria!



“A propósito da Santíssima Virgem tenho de te confiar uma das minhas simplicidades com ela. Às vezes surpreendo-me a dizer-lhe: «Mas, minha boa Santíssima Virgem, eu acho que sou mais feliz do que vós, porque tenho-vos por Mãe, e vós, não tendes uma Santíssima Virgem para amar... É verdade que sois a Mãe de Jesus mas esse Jesus vós deste-l’O todo inteiro a nós ... e Ele na Cruz deu-vos a nós por Mãe. Somos assim mais ricos do que vós visto que possuímos Jesus e que vós sois nossa também. Outrora na vossa humildade desejáveis ser um dia a humilde serva da ditosa Virgem que tivesse a honra de ser a Mãe de Deus, e eis que eu, pobre criaturinha, sou não a vossa serva, mas a vossa filha, vós sois a Mãe de Deus e sois a minha Mãe». Certamente a Santíssima Virgem deve rir-se da minha ingenuidade mas o que eu lhe digo é bem verdade!”

Carta dirigida a Celina

“Ó, Maria, se eu fosse a Rainha do céu e vós fôsseis Teresa, quisera ser Teresa a fim de que vós fôsseis a Rainha do céu”.

Último autógrafa

Isabel da Trindade



“Em cada festa de Maria renovo a minha consagração a esta boa Mãe. Hoje [2 de Fevereiro], portanto, confiei-me a Ela, e novamente me atirei para

os seus braços com a mais completa confiança. Encomendei-lhe o meu futuro, a minha vocação”.

Diário

“Parece-me que a atitude da Virgem, durante os meses que decorreram entre a Anunciação e o Natal, é o modelo das almas interiores, dos seres que Deus escolheu para viverem dentro, no fundo do abismo sem fundo. Com esta paz, em que recolhimento, Maria se entregava e se prestava a todas as coisas! Como é que mesmo as mais banais eram por ela divinizadas! Porque, em tudo, a Virgem permanecia a adoradora do dom de Deus!”.

O céu na terra

“Na solidão da minha cela, chamo-a meu *pequeno paraíso*, porque está cheia daquele que é a vida do céu, contemplarei frequentemente a sua preciosa imagem [de Nossa Senhora] e unir-me-ei à alma da Virgem nesse momento em que o Pai a cobre com a sua sombra, o Verbo nela se encarna e o Espírito Santo desce para realizar o grande mistério. Toda a Santíssima Trindade entra em acção dando-Se e entregando-Se. A vida duma Carmelita tem que realizar-se sob estes vínculos divinos”.

Carta dirigida à Sra. Condessa de Sourdon

“Pensa no que passaria na alma da Virgem quando, depois da Encarnação, possuía nela o Verbo encarnado, o Dom de Deus. Em que silêncio, em que adoração e recolhimento se submergiria dentro da sua alma para estreitar carinhosamente aquele Deus de quem era sua Mãe”.

Carta dirigida a sua irmã

“*Virgo fidelis*”. É a Virgem fiel, aquela que guardava todas as coisas no, seu coração. Manti-nha se tão pequena, tão recolhida diante de Deus, segredo do templo, que atraía as complacências Santíssima Trindade: “Por que Ele olhou para a humildade da sua serva, doravante, todas as gerações me chamarão bem aventurada! ...”. O Pai, inclinando Se para esta criatura tão bela, tão ignorante da sua beleza, quis que fosse a Mãe, no tempo, d’Aquele de quem Ele é o Pai, na eternidade. Então, o Espírito de Amor, que preside a todas as operações de Deus, sobreveio lhe; e a Virgem diz o seu *fiat*: “Eis a serva do Senhor, faça se em mim segundo a vossa palavra”, e assim se realizou o maior dos mistérios. E, pela descida do Verbo nela, Maria ficou para sempre cativa de Deus”.

O céu na terra



Boletim Informativo das Fraternidades da Ordem Secular da Província Portuguesa de Nossa Senhora do Carmo dos Carmelitas Descalços * Fotocomposição: P. Pedro Lourenço Ferreira * Responsável da publicação: P. Jeremias Carlos Vechina * Sede: Rua de Gondarém, 274 – 4150-371 PORTO * Tel. 226181683 – Fax 226189391 * jeremias@carmelitas.pt; Sítio: www.carmelitas.pt